

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2013

Patrocinador oficial
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 400 exemplares
Depósito Legal: 366919/13
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



FORTE DE SÃO LOURENÇO (OLHÃO): CONTRIBUTOS PARA A VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO LOCAL

Fátima Claudino / Mestre em Arqueologia FCSH – UNL / CHAM (Centro de História de Além-Mar) /
mfatimaclaudino@gmail.com

RESUMO

A presente comunicação tem por objetivo apresentar um projeto de valorização em arqueologia e história, situado em plena Ria Formosa, em Olhão. A construção do Forte de S. Lourenço em 1653, integrou-se na planificação da defesa marítima da costa algarvia e especificamente na defesa da barra de acesso a Faro. Proponho-me apresentar o trabalho de valorização e de sensibilização realizado junto da comunidade local, entre 2008 e 2012 sobre um património que apenas pode ser observado em períodos de baixa-mar. Os vestígios do Forte de S. Lourenço, perduram ainda hoje na memória local entre as comunidades marítimas de pescadores e mariscadores que vão à pesca “aos polvos do Forte” que se escondem dentro das três bocas-de-fogo que permanecem no sítio.

ABSTRACT

The aim of this communication is to present a project of valuation in archaeology and history, located in Ria Formosa, Olhão. The construction of São Lourenço Fortress in 1653, was integrated in the planning of maritime defense of the Algarve coast and specifically in the defense of the bar access to Faro. An awareness work among the local maritime community that was done between 2008 and 2012. An heritage that can only be observed in periods of low seas. The remains of the Fortress, still linger in the local memory between the maritime communities of fishermen and shellfish gatherers who go fishing “to the octopuses of the Fortress” that lurk within the three canons that remain in place.

A presente comunicação tem por objetivo apresentar um projeto de valorização em arqueologia e história, situado em plena Ria Formosa, em Olhão, e o qual fez parte da minha dissertação de tese de mestrado, em Março de 2013.

A construção do Forte de S. Lourenço em 1653, integrou-se na planificação da defesa marítima da costa algarvia e especificamente na defesa da barra de acesso a Faro, no contexto da guerra da Restauração e onde toda a costa foi reforçada com construções defensivas (Figura 1).

Nos últimos anos, a valorização do património arqueológico tem vindo a ganhar crescente evidência e interesse social junto das comunidades, no entanto, a sua introdução nas práticas urbanas ou nacionais, não tem acompanhado este desenvolvimento, *in loco*. Cumpro-me no entanto aqui felicitar a Câmara Municipal de Olhão que desde o

início deste projeto de valorização tem apoiado o seu estudo e divulgação junto da comunidade local, desde sempre fortemente motivada para a defesa da sua identidade colectiva.

O sítio do Forte de São Lourenço, é um sítio arqueológico peculiar, visto ser a única estrutura militar que se conhece em território português submersa em água e imersa em areia. O forte foi erguido em plena Ria Formosa, rodeado de água, perto da Barra Grande, num contexto defensivo da entrada da cidade de Faro. Os solos arenosos onde o forte foi assente encontravam-se em constante movimentação, numa dinâmica permanente, levando a uma deslocação da barra para longe da fortificação. Os efeitos provocados pela sismicidade que ali se fizeram sentir, ajudaram ainda mais a fragilizar a estrutura ao longo dos anos.

A construção do Forte de São Lourenço, em 1653,

além de pretender dar resposta a uma necessidade estratégica que se impunha após a Restauração, veio também permitir a dinamização e o desenvolvimento de um pequeno núcleo populacional de pescadores olhanenses que viviam na praia, em simples cabanas construídas de madeira, canas e palha e onde hoje se ergue o centro histórico da cidade.

Datando de inícios do século XVII, a praia de *Olham* ou o lugar de *Olham*, detinha água em abundância e uma barra aberta para o oceano que em muito beneficiava os pescadores. Apesar de Faro não permitir o desenvolvimento do lugar, os pescadores rogaram a D. Maria I que lhes permitisse substituir as suas humildes cabanas de palha por alvenaria, o que lhes foi concedido em 1715. É instituída a freguesia, e a construção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, em 1715. Na continuidade deste espírito arrojado, característico do povo de Olhão, os pescadores pedem a D. José I, em 1765, a criação do Compromisso Marítimo de Olhão, tornando-se assim o maior responsável pelo desenvolvimento do lugar.

Esta corajosa população, protagonizou a primeira sublevação bem sucedida contra as invasões francesas, em 1808. Alguns olhanenses arriscaram-se a bordo do caíque “Bom Sucesso”, e em junho de 1808 navegaram até ao Brasil a fim de dar a Boa Nova ao Rei, onde chegaram a 22 de Setembro. Este ato, foi o expoente máximo desta população audaz e corajosa pois D. João VI elevou o pequeno lugar de Olhão a vila, em 1808, com o epíteto de “Vila do Olhão da Restauração”, por alvará régio de 15 de novembro, e igualando-a às vilas mais notáveis do Reino. Foi esta comunidade marítima que testemunhou os 168 anos de vida do Forte de São Lourenço, e que ainda hoje faz parte das suas memórias.

Achamos que variados factores têm ajudado a uma aproximação destas comunidades locais ao seu património. Um deles, tem a ver com o desenraizamento das sociedades atuais a um processo de (re) descoberta identitária, traduzindo-se num crescimento de uma procura pelo património.

Existe, de facto, uma participação ativa na descoberta de uma herança cultural comum, implicando o conhecimento da comunidade local sobre esse mesmo património, pelo que este projeto visou sobretudo reforçar o sentimento de uma identidade cultural e histórica, e de afirmação de um património comum e com o qual a população partilha a sua vivência quotidiana. Num trabalho exaustivo de arqueologia histórica, foi recuperada a história deste património e di-

vulgada, de forma sistemática, junto da comunidade. O contacto direto com as evidências arqueológicas e manifestações de cultura constitui sempre uma apropriação e valorização de uma herança cultural, propiciando uma consciencialização para o estudo da história, em particular num sítio que se caracteriza apenas pela existência de evidências dispersas e visíveis em alturas de baixa-mar. Factores indispensáveis neste contexto, e que nos motivaram particularmente, são a leitura do mundo que rodeia o sítio arqueológico, a promoção do diálogo e a dinamização de atitudes geradoras de posturas cívicas em relação ao património.

Os vestígios do Forte de São Lourenço perduram na memória local desde há muitos anos. Desmantelado em 1821, desde então tem-se conservado na memória local até ao presente, entre as comunidades marítimas de pescadores e mariscadores da Ria, habituados a fazer as suas presas nas ruínas do Forte. As três bocas de fogo de ferro que se encontram *in situ*, são local constante de apanha de polvos pelos pescadores, que, quando se deslocam a este local, utilizam vulgarmente as expressões “vamos à pesca no Forte” ou, “vou buscar búzios ao Forte”. Esta fortificação tem sido associada na memória da população a uma história recente de partilha e de vivências, pois em 1816 a população ainda assistia à missa na capela (Figura 2).

Sendo de uma importância vital a existência de uma educação patrimonial que não se quede apenas em atividades pontuais em programas culturais calendarizadas no tempo, porque achamos antes de mais que o património é um projeto de cidadania, no contexto deste estudo, e, porque, diz-nos a população local, “Olhão nasceu e cresceu virado para o mar”, procurámos também envolver as escolas locais em projetos que curricularmente tivessem expressão durante o ano letivo. Foram assim dinamizados projetos de trabalho no âmbito da história local, a cidade e as suas tradições, como por exemplo, a arte de construir réplicas de antigas embarcações de pesca que navegavam na Ria Formosa. Com a ajuda do senhor José Joaquim, promoveu-se a divulgação da arquitetura naval olhanense na criação de embarcações típicas da região: o caíque, saveiro, lancha da sacada, o buque. Foi aqui reconhecido a importância do conhecimento patrimonial para o enriquecimento pessoal e colectivo. A escola, é, por excelência, o local ideal para a prática e defesa do património, mas é pelo envolvimento dos jovens em projetos que saem da

própria sala de aula, que a escola cumpre o seu papel como lugar de transmissão de valores da prática da cidadania e do saber.

Ainda neste âmbito, com o apoio da Câmara Municipal de Olhão, e no decorrer das férias escolares, as visitas que proporcionámos ao Museu Municipal e Igreja Matriz, vieram consolidar a existência da fortificação pois dois dos capitães do Forte de São Lourenço foram sepultados, respectivamente, na Igreja Matriz e na Igreja Paroquial de Nossa Senhora do Rosário. Uma informação adicional foi partilhada relativamente à existência de uma capela na fortificação a que a população local acorria para assistir à missa. A comunidade local sempre interagiu com o Forte, numa relação de afectividade e de vivência partilhada com a sua guarnição.

As visitas proporcionadas *in situ*, também com o apoio da Capitania do Porto de Olhão, vieram consciencializar os jovens para o facto de que a estrutura ali foi erguida. Os mais jovens pisavam o solo arenoso com muito cuidado dizendo, “temos de ter cuidado para não estragar”. A população conhecia a existência do Forte mas desconhecia a sua história e a sua importância estratégica, ou seja, o seu lugar na história comum e nacional.

No decorrer deste estudo que partilhámos desde o primeiro momento com a população, foi verdadeiramente interessante verificar ao longo do tempo, o envolvimento e o interesse manifestado pelos marítimos que nos procuravam ajudar na descoberta de mais este ou aquele vestígio numa interatividade diária. Estimular e motivar o envolvimento da comunidade local nas atividades do projeto durante as fases de intervenção consciencializa-se para o papel activo que podem ter na proteção do seu património local envolvente. É importante o papel social na produção do conhecimento científico, a reflexão sobre o passado, o presente e o futuro.

No entanto, sabíamos que ao longo dos anos, vários blocos de pedra tinham sido utilizadas pela população local para a delimitação dos viveiros locais e para o reaproveitamento pelas mesmas para a construção de habitações, mas com a consciência partilhada e nunca esquecida de que o *sítio era aquele mesmo*.

“A população [de Olhão] é marítima e de tanta habilidade que El-Rei só d’elles se serve nos seus escaleres da Ribeira das Naus, indo para lá todos os annos quasi quatro centos homens, que se rendem em leva”

Ataíde Oliveira (1999) – “Monografia do Concelho de Olhão”, Algarve em Foco Editora, 3ª edição: Faro, p. 56

BIBLIOGRAFIA

Estudos

BELCHIOR, Joaquim Lopes (1988) – *Faro e a Ria Formosa*, Edição do Autor, [S.I.]

CALLIXTO, Carlos (1986) – “Apontamentos para a História da Fortaleza de São Lourenço da Barra de Faro”, 1ª parte, *Separata dos Anais do Município de Faro*, Faro, Nº XV, pp 1-10 e pp 14-22

CALLIXTO, Carlos (1979) – “Apontamentos para a História das Fortificações da Praça de Faro”, *Anais do Município de Faro*: Faro, NºVIII

GUEDES, Lívio da Costa (1988) – “*Descrição*” de Alexandre Massai (1621), in: *Separata do Arquivo Histórico Militar*: Lisboa

IRIA, Alberto (1976) – *Da importância Geo-Política do Algarve, na defesa Marítima de Portugal nos séculos XV a XVII*: Lisboa, Academia Portuguesa de História

MAGALHÃES, Joaquim Romero (1993) – *O Algarve Económico*: Lisboa, Estampa

MAGALHÃES, Natércia (2008) – *Algarve, Castelos, Cercas e Fortalezas*: Faro, Letras Várias, Edições e Arte

OLIVEIRA, Ataíde (1999) – *Monografia do Concelho de Olhão*: Faro, Algarve em Foco Editora, Câmara Municipal de Olhão

VAZ, Adérito Fernandes (2009) – *Olhão da Restauração no tempo e a 1ª Invasão Francesa em 1808, no contexto Regional e Nacional*: Olhão, Elos Clube de Olhão

Fontes cartográficas

COUTINHO, Baltazar de Azevedo (1789) – *Fortificações do Algarve*, ANTT, Casa Forte – Tesouros Nacionais

Fontes impressas

BAPTISTA, Prior João (1778-1802) – *Livro de Óbitos de Olhão*: Olhão, fl 8o

PALMA, Padre António Joaquim (1804) – *Livro de Óbitos de Faro*: Olhão

Alvará Régio de 15 de Novembro de 1808 [fac-símile]: Olhão, Edição da Câmara Municipal de Olhão, Outubro de 2008.

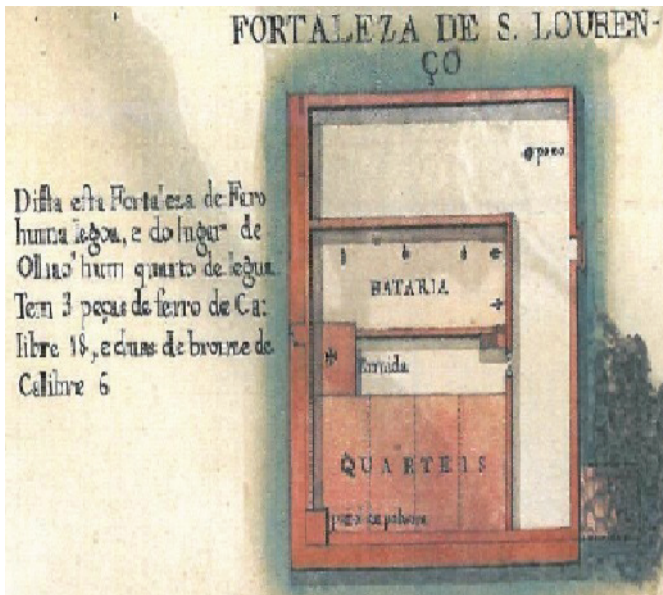
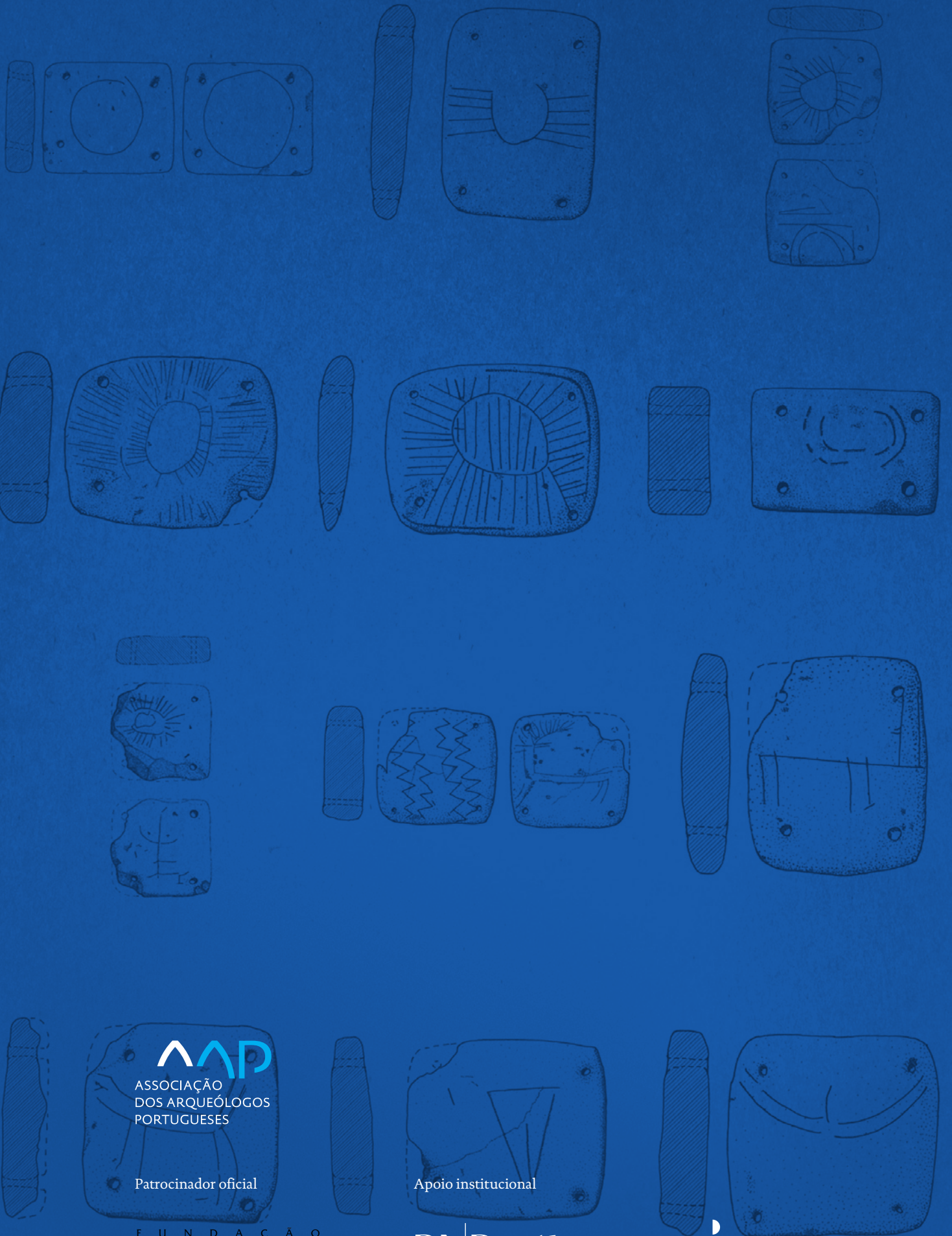


Figura 1 – Coutinho, Baltazar de Azevedo (1798) – Fortificações do Algarve, ANTT, Casa Forte – Tesouros Nacionais.



Figura 2 – Sítio do Forte de São Lourenço, 2012.



AAP
 ASSOCIAÇÃO
 DOS ARQUEÓLOGOS
 PORTUGUESES

Patrocinador oficial

Apoio institucional

FUNDAÇÃO
Millennium
 bcp

BNP
 BIBLIOTECA
 NACIONAL
 DE PORTUGAL

 GOVERNO DE
 PORTUGAL


 Parques de Sintra
 Monte da Lua